



GOFFMAN E A INTERAÇÃO FACE A FACE: ANÁLISES DE SALA DE AULA

Nathália Masson Bastos, Thainá Pereira Barros, Riselda Maria de França Oliveira; Juliana Linhares de Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro nathaliabastos03@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio de Janeiro thainacp2@gmail.com; Universidade do Estado do Rio de Janeiro oliveira.riselda@gmail.com; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, julinharesoliveira@gmail.com

Resumo:

Este trabalho visa compreender as interações existentes no espaço escolar a partir dos conceitos de Erving Goffman, presente no quinto capítulo “O quadro teatral” do livro “Os quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise”. O objetivo do trabalho se baseia em observar e compreender as diferentes formas de interação dos alunos diante das situações que se apresentam a eles em seu cotidiano escolar. Este trabalho se justifica pela compreensão de que há revezamento de posições e cada participante de uma interação verbal contribui, parcialmente, no projeto de construção de sentido do outro. Os estudos da obra de Goffman juntamente com outros autores trazidos neste trabalho trazem contribuições importantes para compreender essas interações face a face, por apresentar um olhar diferenciado, profundo e inovador, tendo como premissa a importância do contexto na qual cada situação está ocorrendo. Ao fugir do superficial, o autor ajuda nas análises de estudos etnográficos, principalmente no que se refere ao campo da educação.

Palavras-chave: Etnografia, Educação, Interação face a face, experiência social.



Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar e entender as diferentes maneiras como os alunos se relacionam no ambiente escolar e se, nestas relações, existem sinais, gestos, atitudes que sinalizam como, por que e com quem os alunos assumem determinada posição de identidade e comportamento.

Essas indagações despertaram inquietações porque acredita-se que, por ocorrerem em situações do cotidiano escolar, elas podem estar sendo naturalizadas perante olhares de professores e entre os próprios alunos. Entretanto, neste trabalho procura-se evidenciar que é através destas relações que se pode conseguir a resposta para explicar o porquê e como de estar acontecendo situações de conflito em sala de aula.

Este trabalho se norteia nas situações de conflito de sala de aula pela compreensão de que a relação e o convívio em sala de aula nem sempre se dá de forma fácil e sem conflitos porque em um mesmo ambiente se encontram pessoas de diferentes vivências e bagagens culturais. Têm-se essa compreensão a partir da análise de vídeos de turmas de quarto e sexto ano do Ensino Fundamental da pesquisa etnográfica realizada em uma Escola Estadual do município de Nova Iguaçu do Rio de Janeiro pelo grupo de pesquisa NetEDU (Núcleo de Etnografia em Educação) no ano de 2011.

Ter uma compreensão mais analítica e aprofundada destas situações, foi possível através dos estudos de Erving Goffman. Seus estudos não são voltados para o âmbito educacional, mas é possível correlacionar seus pensamentos com a educação. O autor possui como foco a “micro interação”, ou seja, ele estuda o contexto de um pequeno grupo num dado momento e num dado espaço. Ele busca entender o que está acontecendo em uma análise mais detalhada das relações face a face.

Debruçar-se sobre o Goffman possibilita aprofundar na ordem da interação em busca de referências de cunho espacial, com uma preocupação de inspiração simmeliana (1904): os comportamentos individuais são "signos de posições sociais" que, por sua vez, constituem "símbolos de *status*" quando utilizados como "recursos" que localizam os indivíduos socialmente.

Procura-se neste trabalho, baseando-se nos pressupostos de Goffman realizar uma análise dos papéis e das representações que os indivíduos tendem a executar nos mais variados ambientes, no caso, na sala de aula. Goffman aplica para este fim sua teoria de palco social, onde os atores, ou seja, os indivíduos desempenharão seus papéis.



Este trabalho tem como fim entender como se dão as situações no cotidiano da sala de aula à luz de Goffman que nos mostra sua grande contribuição através do questionamento “Em que circunstâncias pensamos que as coisas são reais?” (GOFFMAN, 2012, p.24).

Metodologia:

O trabalho foi dividido em três etapas: a primeira etapa foi a pesquisa recursiva de vídeos de sala de aula de turmas do quarto e sexto ano do Ensino Fundamental da pesquisa etnográfica realizada em uma Escola Estadual do município de Nova Iguaçu pelo grupo de pesquisa NetEDU (Núcleo de Etnografia em Educação) no ano de 2011 coordenado pela Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Guimarães de Mattos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual as autores fazem parte desde 2014.

A segunda etapa foi dividida em dois momentos distintos. O primeiro momento foi de natureza teórico-bibliográfica a partir da leitura do livro de Erving Goffman “Os quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise”. Dentre os capítulos do livro, foi escolhido o capítulo cinco “O quadro teatral” para nortear a elaboração deste trabalho. O segundo momento foi a seleção de autores que corroboram com o pensamento de Goffman e que poderiam coadunar com sua teoria e acrescentar este trabalho.

Dentre os autores elencados, pautou-se em Duranti e Goodwin (1997) e sua preocupação nos estudos sobre o contexto e a importância deste entendimento para a compreensão da atividade que está ocorrendo. Assim, segundo os autores Duranti e Goodwin (1997:2), o contexto pode ser entendido como um enquadre (frame) que envolve o evento examinado e fornece pistas para uma interpretação apropriada.

Para compreender sobre as posições em que cada um dos participantes de uma interação assumem, este trabalho debruça em Brait (1999) que afirma que como há revezamento de posições (entre quem fala e quem interpreta), cada participante de uma interação verbal contribui, parcialmente, no projeto de construção de sentido do outro, ou seja, a interação é uma atividade cooperativa, em que seus interlocutores contribuem para sua elaboração.

É sabido que essa interação pode mudar dependendo da sinalização ou de alguma pista que foi dada de um participante para o outro. Goffman denomina esse momento de *footing* e Silva (2003:188) o define como uma questão situacional presente na interação e que designa “a sinalização das mudanças na projeção de identidade ou na orientação dos participantes em relação uns aos outros e em relação ao processo interacional”.



Sendo assim, o *footing* é um alinhamento, uma postura, uma projeção pessoal em relação ao outro interactante, a si mesmo e ao discurso em construção (Goffman, 2002). Uma mudança do *footing* acarreta uma mudança no alinhamento assumido pelos interactantes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução, isto é, ao detectarmos uma mudança de *footing*, encontramos também uma mudança no enquadre. Numa situação face a face os *footings* são “introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação” (Goffman, 2002, p. 107).

A terceira etapa foi a análise dos dados e da relação entre o que foi observado nos vídeos e o que foi estudado no capítulo escolhido e com os autores supracitados. Assim, foi possível ter uma relação entre o que ocorre na prática em sala de aula e o que pode explicar as situações observadas através dos vídeos analisados.

Para explicar determinadas interações na sala de aula, dentre todas as categorias e subcategorias que Goffman (2012) elenca em seu livro, parte-se do conceito de atuação teatral para nortear este trabalho. Essa atuação pode fazer com que a presença de um indivíduo provoque os outros que estão a sua volta e aqueles que indiretamente fazem parte da cena e da situação que ocorre, tornando-os, os espectadores da mesma.

As encenações podem fazer o público se divertir diante de situações sérias, atraindo a atenção da maior parte deste. O equívoco alertado pelo autor supracitado, é que cada um possui sua própria interpretação do que está ocorrendo, podendo ser levado ao erro de interpretação. Foi visto que essas situações podem acontecer em sala de aula, onde dois alunos podem estar brincando, mas suas ações são agressivas um ao outro, chamando atenção e podendo confundir aqueles que estão presenciando a situação.

Para o autor, estes alunos, que fazem parte da plateia, se configuram em dois tipos, aqueles que participam da situação, mas não interagem com a mesma, ficando em segundo plano. E aqueles que contribuem com a cena, de forma positiva ou negativa. Foi identificado então que, a cena depende diretamente da interação da plateia, pois de acordo com Goffman (2012), o faz de conta termina com as palmas e as reações deste público que determina se aquilo que é apresentado está sendo apreciado ou não.

E por fim, é imprescindível destacar que o pensamento de Goffman permanece atual, pois o mesmo abre caminhos para diversas pesquisas, seja em sociologia, antropologia, psicologia, geografia social, entre outras, devido à riqueza de detalhes que podem ser extraídos de sua metodologia microssociológica, a partir da representação social.



Resultados e discussão:

O presente trabalho teve como base os vários momentos de interação analisados nos vídeos de salas de aula. Os mais recorrentes e que mais nos chamaram atenção são os momentos de agressão entre os alunos, seja agressão verbal ou física. Foi escolhida essa forma de interação porque ela pode ter vários motivos e fins, dentre eles pode ser apenas uma brincadeira entre os envolvidos, uma disputa por espaço até pela posse de algum objeto. Diante dessa diversidade, é preciso uma análise do que está acontecendo e do que pode acontecer se a situação presenciada, seja pelos alunos, pelo professor ou pela diretora for interpretada errada.

Entende-se que essa análise é necessária porque de acordo com Goffman (2007) Os indivíduos em situação de interação “representam” como atores em uma peça teatral, lançando mão de conceitos relacionados ao teatro, como: desempenho, cenário, expressão e plateia.

Como há revezamento de posições (entre quem fala e quem interpreta), cada participante de uma interação verbal contribui, parcialmente, no projeto de construção de sentido do outro, ou seja, a interação é uma atividade cooperativa, em que seus interlocutores contribuem para sua elaboração. (Brait, 1999).

Porém, para que os interactantes possam colaborar, é necessário que entendam as mensagens transmitidas pelos seus interlocutores e, assim, torna-se essencial o reconhecimento de dados contextuais que informem como o interactante deve compreender e quais as ações deve realizar, a fim de que seja compreendido, de acordo com suas intenções. Deste modo, a interação é um lugar de construção de relações sociais e sentidos.

Isso significa que a interação verbal não pode ser entendida e explicada fora de um contexto, conforme corrobora Brait (1999, p. 202).

(...) Esse contexto interacional não é algo dado previamente, mas uma construção negociada nesse jogo de intersubjetividade que depende das diferentes competências dos participantes, de seus desejos e de suas intencionalidades, e principalmente da maneira como a interação começa e se desenvolve no intercurso conversacional.

De acordo com Goffman (2012) o que importa é o quadro, ou seja, o conteúdo do que se está afirmando e o que identificamos como cena ou situação e o que isso pode provocar como resposta do outro participante e daqueles que estão ali presenciando, estes não necessariamente precisam participar. Estes que estão participando indiretamente, apenas olhando, podem expressar-se de várias formas, seja no final através de aplausos, gritos, ovacionando ou estimulando.



III CONEDU

Entretanto, os atores em cena podem levar em consideração que isso está ocorrendo ou não.

E D U C A Ç Ã O

Ou seja, em uma briga ou simulação de briga, como forma de brincadeira, outros alunos podem estimular tal comportamento ou simplesmente ignorar o que está ocorrendo em sua volta. Para o autor, se não há plateia não há atuação teatral. Percebe-se então que quando os alunos estão brincando de brigar a brincadeira acaba mais rápido ou não vai adiante do primeiro tapa porque não tem alguém olhando.

Porém, diante das situações que ocorrem em sala de aula precisamos ter em mente que nem sempre é o que estamos vendo. Podemos estar interpretando errado ou podemos também perceber que de fato não significa uma briga, mas apenas uma brincadeira e dissermos que estavam atuando, brincando de brigar. Goffman (2012) diz que

“Quando dizemos pejorativamente que uma pessoa fez uma “verdadeira atuação teatral”, podemos estar insinuando que ela mostrou mais do que o cuidado habitual e empregou mais do que a intenção e continuidade habituais na apresentação daquilo que ostensivamente não é, de forma alguma, uma atuação”.

Assim, para Bateson (2002), os interlocutores estão preocupados em identificar sinais que contextualizam os enquadres, a fim de que possam fornecer uma resposta adequada à situação presente e contribuir com mais eficiência na construção da comunicação em curso – para identificarmos se um enunciado é uma brincadeira ou uma ironia, precisamos identificar pistas, durante a interação, que possibilitem a interpretação de acordo com as intenções do locutor.

Dessa forma, para entendermos se o enunciado é, de fato, uma brincadeira, ou ironia, precisamos selecionar, entre os sinais, aqueles que devem ser incluídos e atuam como premissas para a interpretação de um evento. Esses sinais constituem metagensagens que, implicitamente, fornecem instruções de como o interlocutor deve interpretar e/ou produzir um enunciado.

Na vida real, diferente do que ocorre no teatro, por mais que não tenhamos como adivinhar o que vai ocorrer no futuro, existem as maquinações. Os maquinadores possuem a oportunidade de “passar o mundo de trás para frente” para que tudo ocorra da forma como ele planejou. Partindo deste ponto de vista de que pode ser tudo manipulado, podemos dizer que em determinadas situações pode ter ocorrido uma atuação, uma partida manipulada.

Isso pode ser explicado pelo que Goffman (2012) chama de “Estado de Informação”, onde cada pessoa participando da cena possui um estado de informação do que está ocorrendo ali naquele momento, do que há por trás. Os participantes que dão a quantidade do estado de informação para aqueles que estão presenciando, podendo assim manipular o evento. Nas brigas de sala de aula os



III CONEDU

alunos podem “deixar” a “entender” que de fato está ocorrendo uma briga ou não, alguns alunos podem entender os sinais que estão demonstrando que é uma brincadeira outros não. Os mesmos alunos podem tirar proveito dessa confusão e usar a seu favor se os acusarem de briga, alertando que todos entenderam errado a situação.

Ainda no contexto da interação, o autor acrescenta a existência de uma “conversação real face a face”, ou seja, a relação existente onde por mais que não ocorra uma troca grande de informações, os envolvidos se entendem no que está acontecendo, nada precisa ser esclarecido. Porém, Goffman (2012) alerta que pode ocorrer um problema de verdade quando, as pessoas em volta, que viram a cena, costumam não perceber algo de errado porque aquele comportamento “é naturalmente deles”. Ou seja, quando for uma briga de verdade, pode não ser entendido como tal, já que era recorrente essa atitude dos envolvidos. Para Goffman:

O indivíduo influencia o modo que os outros o verão pelas suas ações. Por vezes, agirá de forma teatral para dar uma determinada impressão para obter dos observadores respostas que lhe interesse, mas outras vezes poderá também estar atuando sem ter consciência disto. Muitas vezes não será ele que moldará seu comportamento, e sim seu grupo social ou tradição na qual pertença (GOFFMAN, 2007, p. 67).

Erving Goffman (2012) também nos alerta da existência de um equívoco que podemos cometer nos atos cotidianos, o de nem sempre prestarmos atenção na parte que determinado indivíduo representa na vida, ou seja, sua biografia por estarmos prestamos apenas ou dando mais atenção no papel que ele está desempenhando em algum domínio particular – social, político, econômico. Essa afirmação do autor nos leva a prestar mais atenção em nossos atos e pré-conceitos em determinados alunos e seus comportamentos em sala de aula, devemos investigar e tentar entender a vida do aluno como um todo e não apenas em domínio particulares, especialmente o escolar.

O autor finaliza o capítulo falando sobre o “efeito de canais múltiplos”, ou seja, quando um indivíduo que presencia uma cena, interpreta os acontecimentos através dos seus vários canais múltiplos e o foco desta pessoa desloca-se de um canal para outro, ou seja, aquilo que é ouvido, sentido ou cheirado atrai os olhos. E é através dessas várias fontes que ocorre um – rápido enquadramento – do que ocorreu. Entende-se que os pré-conceitos que temos, o resultado da interação face a face, o equívoco nas interpretações são resultados destes canais múltiplos, ou seja, somos guiados a interpretar qualquer situação de acordo com nossas vivências, experiências e bagagens culturais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para Gumperz (2002:152), essa relação pode ser considerada pistas de contextualização, e assim entendidas:

(...) É através de constelações de traços presentes na estrutura da superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que se precede ou sucede. Tais traços são denominados pistas de contextualização.

Para Goffman o indivíduo atua de acordo com os anseios que quer transmitir ao receptor da mensagem, que nesse sentido diz respeito às relações entre os indivíduos em uma determinada situação cotidiana. Goffman (2007) considera a interação como um

"processo fundamental de identificação e de diferenciação dos indivíduos e grupos"; de resto, os mesmos, "isoladamente, não existem; só existem e procuram uma posição de diferença pela afirmação, na medida em que, justamente, são "valorizados" por outros" (GOFFMAN, 2007, p. 88).

Conclusões

Na sala de aula, através das relações entre professor e aluno; aluno e aluno, a todo momento podem acontecer situações que nos desafiam a tentar entender o que de fato está acontecendo ali. Nós, professores temos sempre que estar investigando e perguntando a todos os envolvidos, sem tirar conclusões precipitadas, em prol de entender os motivos e o contexto de cada situação para evitar erro de entendimento. É uma reflexão de difícil execução, pois todos nós temos nossos pré-conceitos derivados da experiência social que possuímos e acabamos por naturalizar e prejulgar determinadas coisas em vez de outras ao invés de tentar analisar o contexto como um todos.

A partir das leituras de Erving Goffman (2012) e dos autores que corroboraram para a elaboração deste artigo, nossas concepções acerca das interações face a face mudaram na perspectiva de que há muito mais além daquilo que estamos presenciando. Há contextos envolvidos diretamente e indiretamente e não podemos dar algo como dado sem ir mais a fundo na questão.



III CONEDU

Referências Bibliográficas
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- BRAIT, B. *O processo interacional*. In: PRETI, D. *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- DURANTI, A.; GOODWIN, C. (eds). *Rethinking Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- GOFFMAN, E. *A representação do Eu na vida Cotidiana*. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis, Vozes, 720 p, 2012.
- _____. *Footing*. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- SILVA, L. A. *Estruturas de participação e interação na sala de aula*. In: PRETI, D. (org) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.